

Hume e o empirismo radical

Premissas empiristas de David Hume (que partilha com os outros empiristas)

- Não há ideias inatas
- A mente é uma tábula rasa/folha em branco
- Todo o conhecimento deriva da experiência sensível (interna e externa)

Convicções, mas pessoais de David Hume:

- O ceticismo não é tão fácil de derrotar como Descartes o fez parecer. (haverá sempre margem para a dúvida)
- O otimismo em relação ao que podemos conhecer deverá ser mais modesto (o dogmatismo é sempre criticável)
- As proposições à priori dos racionalistas embora sejam conhecimento, não são tão prometedoras como eles pensam.

Teoria do conhecimento de David Hume

Mente como tábula rasa



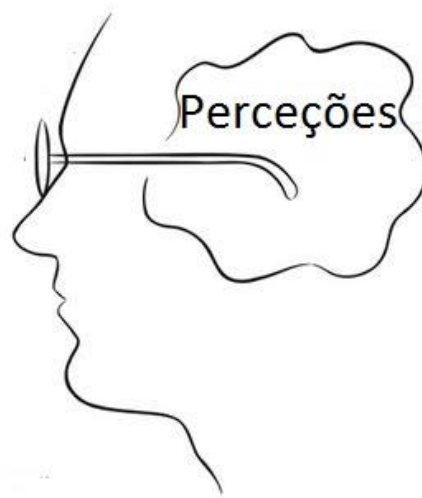
O que é a mente?

David Hume



A mente é como uma espécie de teatro onde uma variedade de percepções se sucedem, passando e repassando, deslizando e misturando-se numa variedade infinita de posições e situações

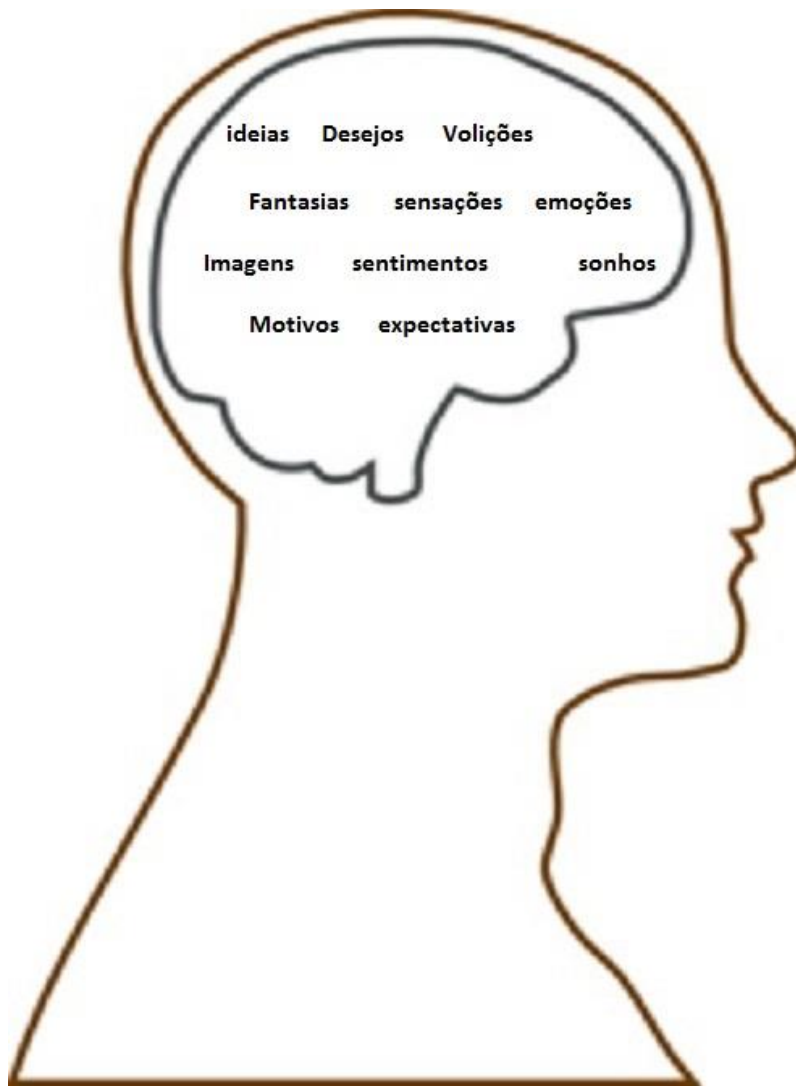
AZ QUOTES



Tudo o que ocorre na nossa mente são só percepções

O que são percepções?

David Hume não dá uma definição concreta. Apenas dá exemplos de percepções



Pode-se dizer que **“percepção”** é:

- Qualquer conteúdo da mente
- Aquilo do qual estamos conscientes
- Aquilo do qual temos experiência

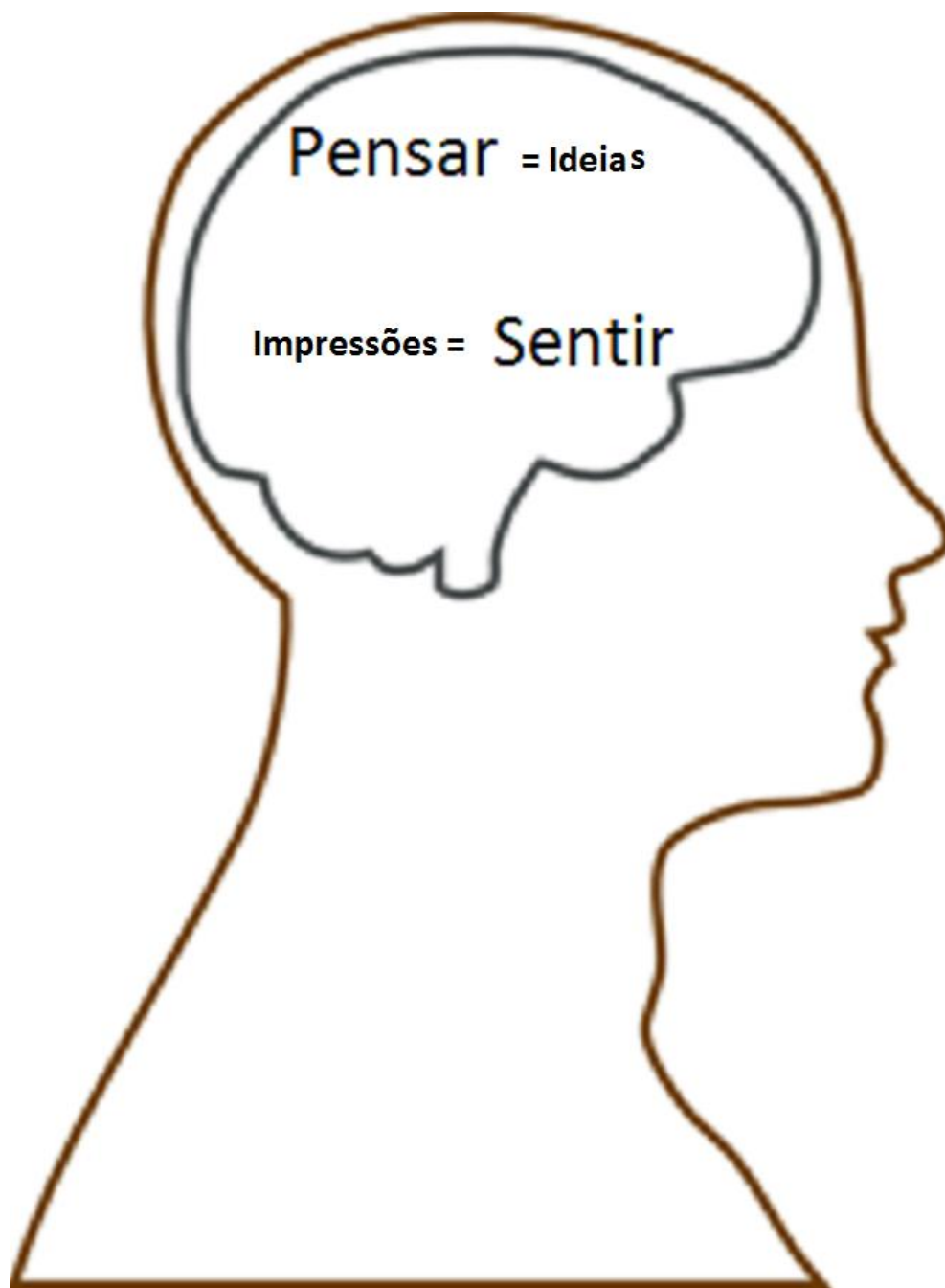
Hume, como Descartes, acredita que o que estamos imediatamente cientes nas experiências conscientes são (apenas) conteúdos mentais, isto é, coisas que existem nas nossas mentes e não substâncias materiais que podem existir fora da nossa mente e que podem ser as causas finais desses conteúdos mentais.



Descartes chamava a esses conteúdos mentais muitos nomes, incluindo "*ideias*", "*pensamentos*" e "*sensações*".

O termo geral de Hume para todos esses conteúdos mentais é "*percepções*"

Há dois modos de percepção da mente



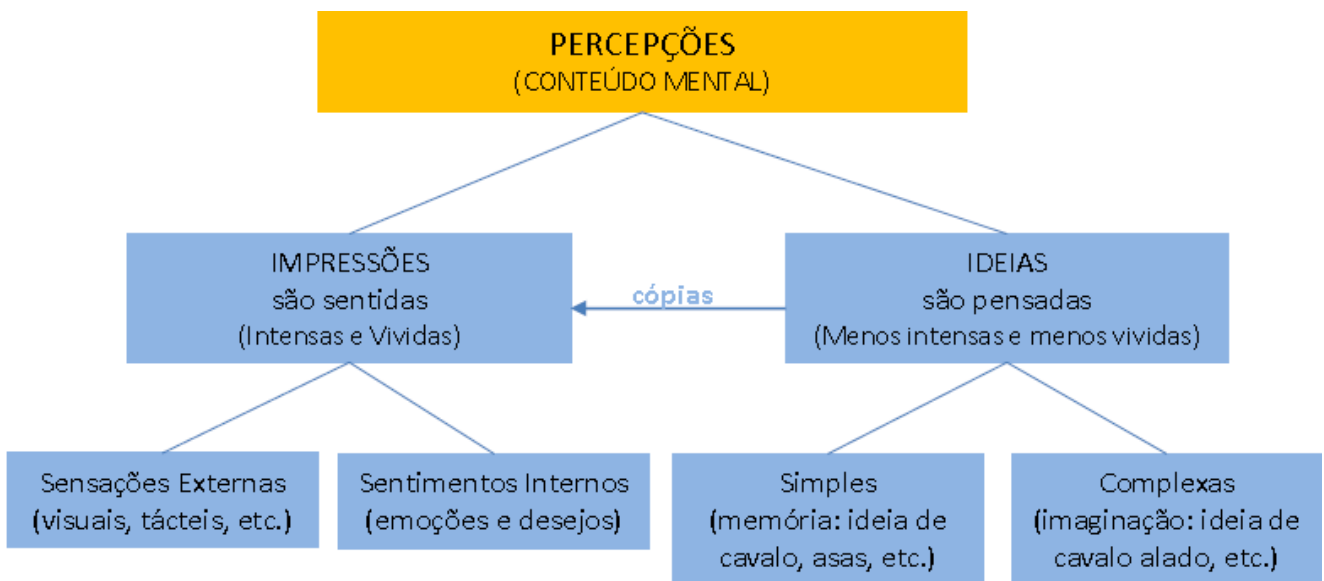
Todos os nossos conteúdos mentais resumem-se a Impressões e a Ideias

Como distingo se estou a ter uma ideia ou uma impressão?

“A mais vívida das ideias é ainda mais ténue que a mais ténue das impressões”

David Hume

Esta frase de David Hume expressa bem o que ele pensa acerca da **relação entre as ideias e as impressões** e o que as distingue



Tese fundamental do empirismo de Hume

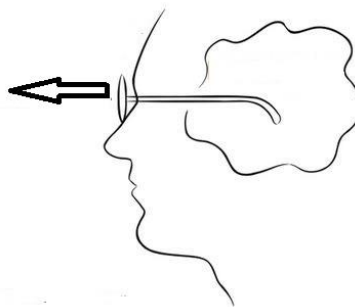
O conhecimento começa com a experiência – com as impressões sensíveis –, e daquilo de que não há experiência não há conhecimento.

As impressões	O limite de todo o nosso conhecimento	O nosso conhecimento dos factos fica limitado às impressões atuais e/ou às recordações de impressões passadas (ideias)
	Critério de verdade do conhecimento	Para se saber se uma qualquer ideia é verdadeira basta indicar a impressão que lhe deu origem

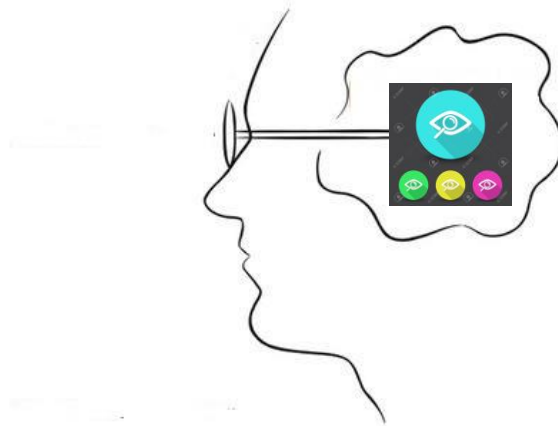
A questão que se pode colocar neste momento a Hume é se há conhecimento à priori (independente da experiência) como para Descartes ?

Embora em última análise todo o conhecimento provenha da experiência, logo seja a posteriori, uma vez formadas as ideias a partir das impressões podemos estabelecer relações entre elas. É nas relações entre ideias que Hume admite haver algum apriorismo.

Exemplo: 1º Observo corpos coloridos (impressão de corpo colorido)

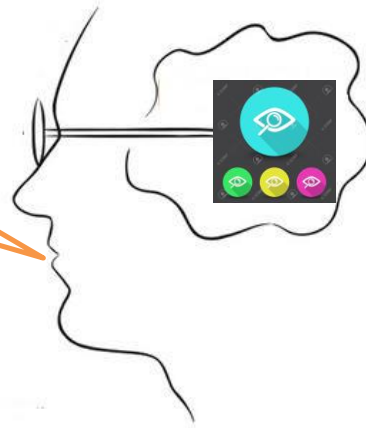


2º fico com a ideia de corpos coloridos



3º construo a proposição à priori

Nenhum corpo pode ser completamente azul e verde ao mesmo tempo



QUESTÕES DE F
"o calor dilata os ci

VERDADES CONTINGENT
Poderiam ter sido

CONHECIDAS POSTERIOR
Pela experiênc

Relações de ideias

- São conhecimentos *apriori*
- A verdade das proposições não depende dos factos ou da experiência
- Traduzem verdades necessárias e evidente, a sua negação é, logicamente, impossível
- As proposições não nos dão qualquer conhecimento em relação ao que se passa no mundo

Conhecimentos de Facto

- São conhecimentos *a posteriori*
- A verdade das proposições depende de uma análise empírica
- A verdade dos conhecimentos de facto é contingente
- As proposições dão-nos qualquer conhecimento em relação ao que se passa no mundo

	Conhecimento à priori	Conhecimento à posteriori
Relações entre ideias (analíticas)	<ul style="list-style-type: none">• “Solteiros” são pessoas não casadas• $1+1=2$• Teorema de Pitágoras	Não é possível
Questões de facto (sintéticas)	Não é possível	<ul style="list-style-type: none">• Há várias mesas na sala de aula• Doí-me a cabeça• O meu cão te 4 pernas

Para David Hume há conhecimento à priori, mas não é conhecimento substancial (conhecimento sobre o mundo)

Todo o nosso conhecimento substancial é à posteriori. Logo qualquer ideia/crença sobre o mundo tem de ser justificada com base na experiência:

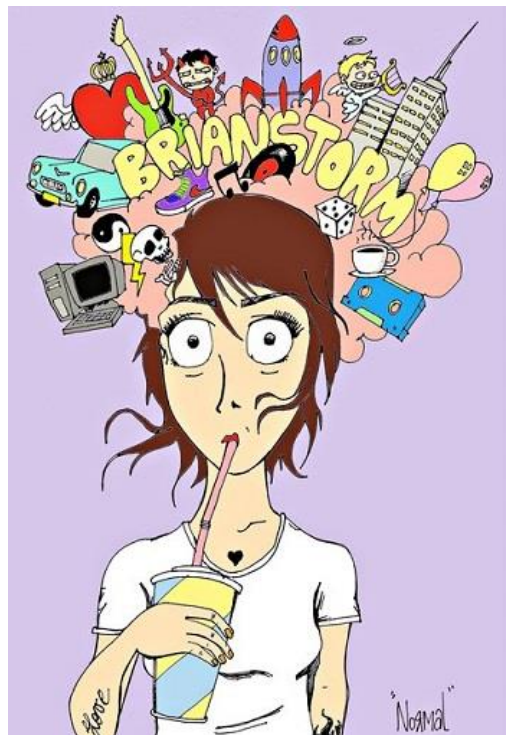
- No que observamos e sentimos no presente

- No que recordamos ter observado ou sentido no passado



[Impressões e ideias.mp4](#)[Tipod de conhecimento.mp4](#)

Construção do conhecimento



Princípios de organização das percepções

[Hume 2.mp4](#)

- Semelhança

- Contiguidade espacio-temporal
- Causa efeito (indução)

Semelhança	Contiguidade espácio-temporal	Causa e efeito
		

No que respeita às questões de facto usamos em particular dois tipos de princípios organizativos:

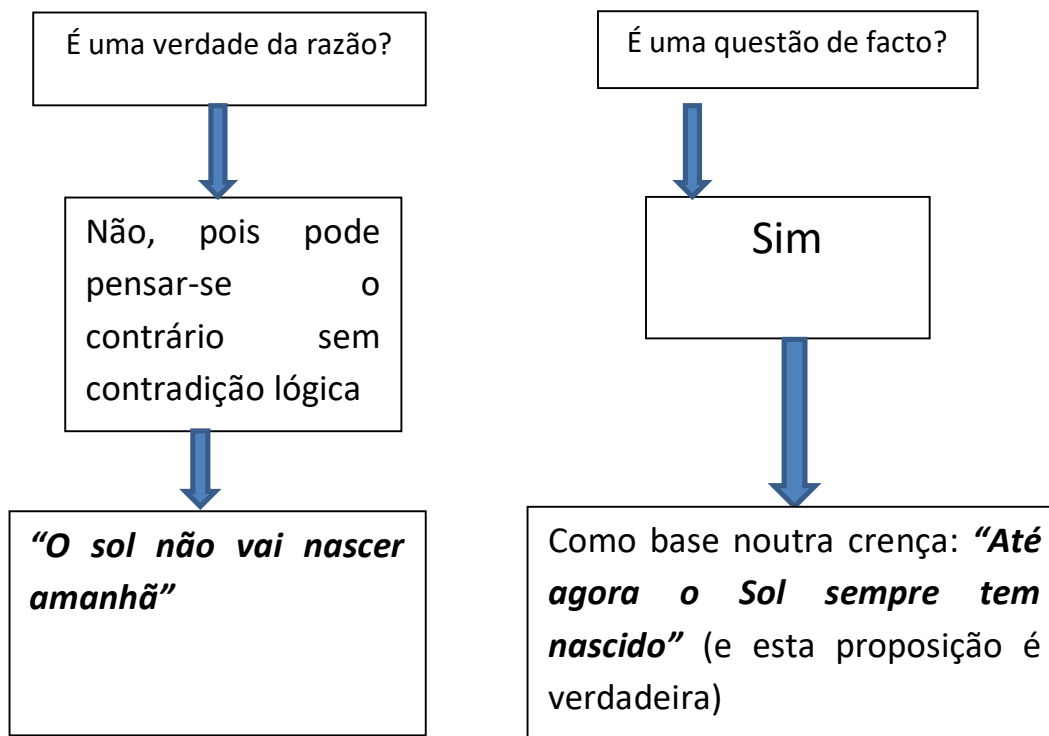
- **Raciocínio Indutivo**, por exemplo *“O sol vai nascer amanhã”*
- **Princípio da causalidade**, por exemplo *“O calor dilata os metais”*

Crítica Humeana da indução: o problema da indução



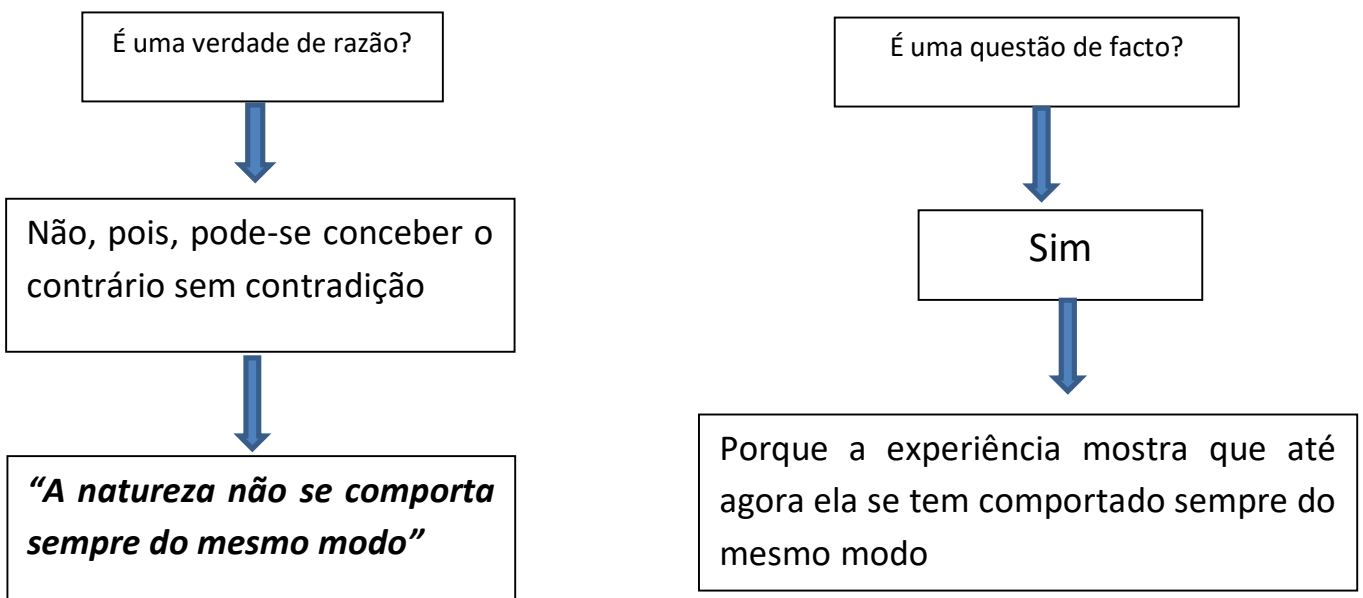
- Como sabemos que a crença "***O Sol vai nascer amanhã***" é verdadeira?
- Como justificamos a crença "***O Sol vai nascer amanhã***"?

Como só há dois tipos de conhecimento



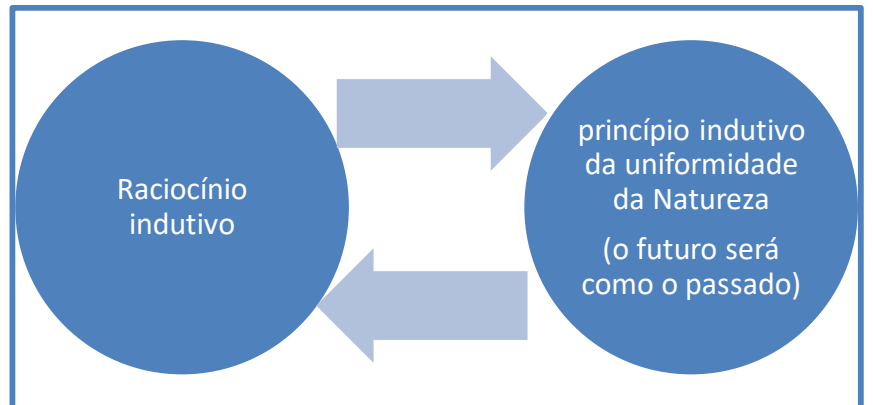
Formamos assim um argumento indutivo
<i>Até agora o Sol sempre tem nascido (verdadeira)</i>
<hr/> Logo, <i>O Sol amanhã vai voltar a nascer (verdadeira ou falsa?)</i>
Como é que se passa da premissa para a conclusão?
<p>Através de outra proposição/crença</p> <p><i>“A natureza comporta-se sempre do mesmo modo”</i> ou <i>“O futuro será igual ao passado”</i></p>

Mas e também perguntarmos como se justifica essa outra crença de que *“A natureza se comporta sempre do mesmo modo”* ou *“O futuro será como o passado”*?

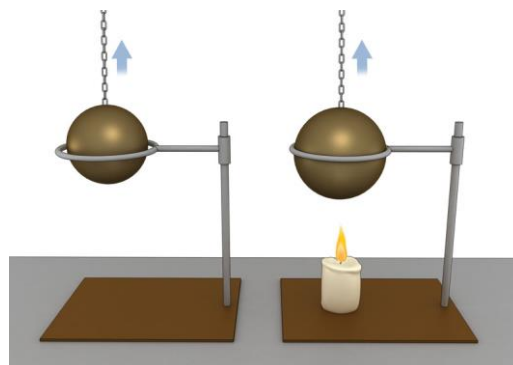
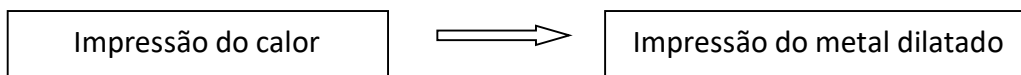




Mas isso é um raciocínio indutivo, e assim caímos numa petição de princípio

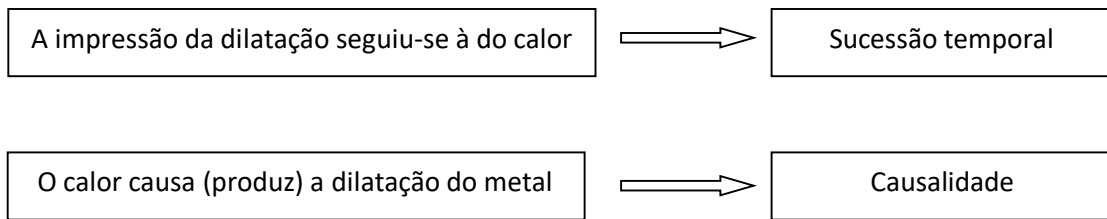


Crítica Humeana da noção de causalidade

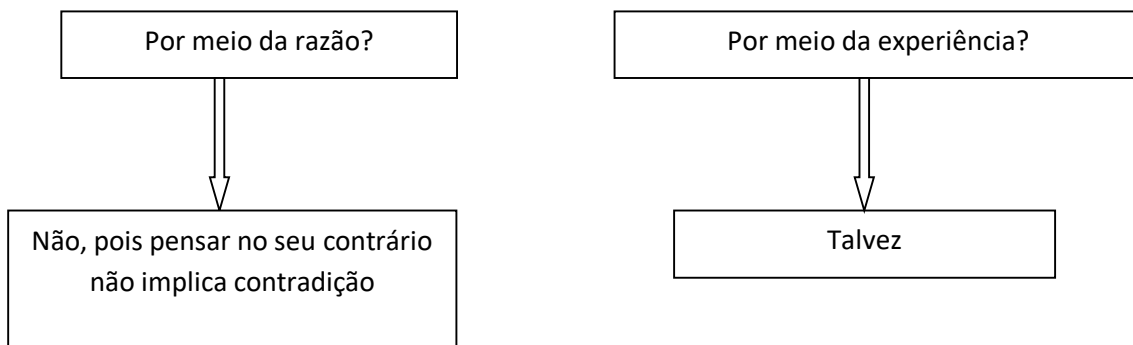


Em virtude da relação observada é usual dizer-se: ***O calor dilatou o metal,***

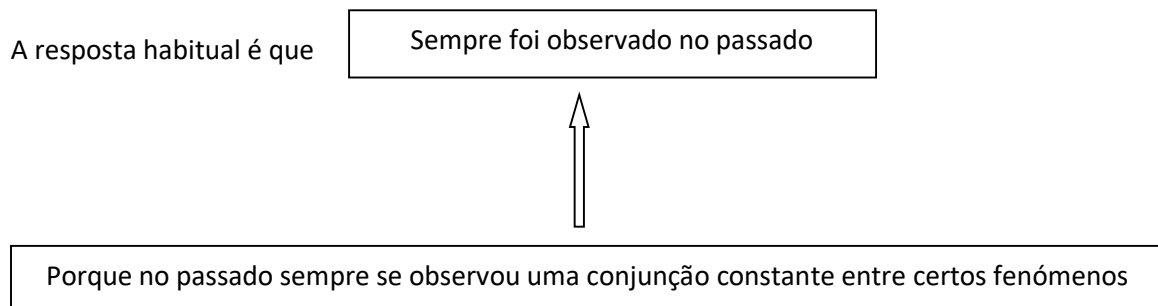
Tal afirmação pode ter **duas interpretações:**



David Hume pergunta de onde retiramos a segunda interpretação?



David Hume pergunta se a experiência nos autoriza a fazer esta inferência?

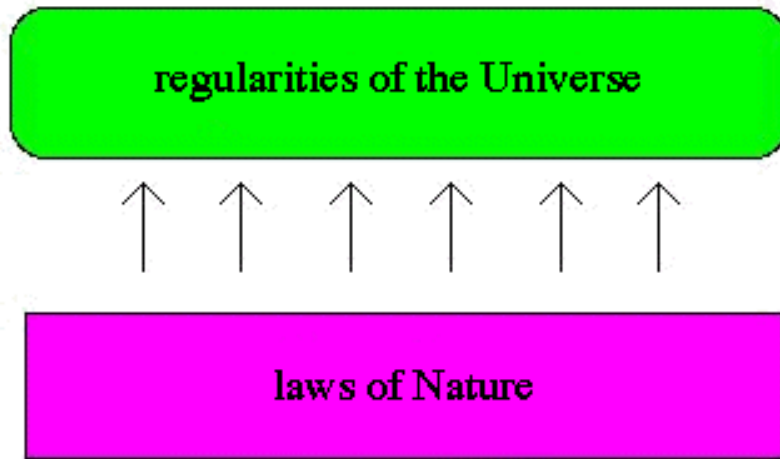


Mas uma **conjunção constante** observada no passado autoriza-nos a fazer esta inferência?

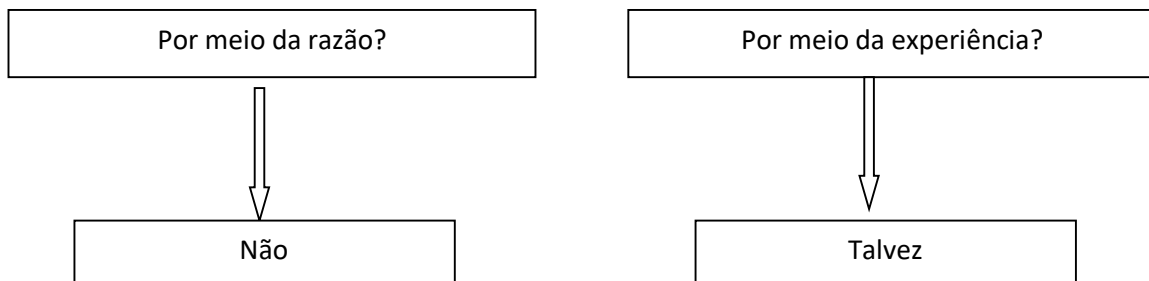
Não poderia isso ser um acaso?



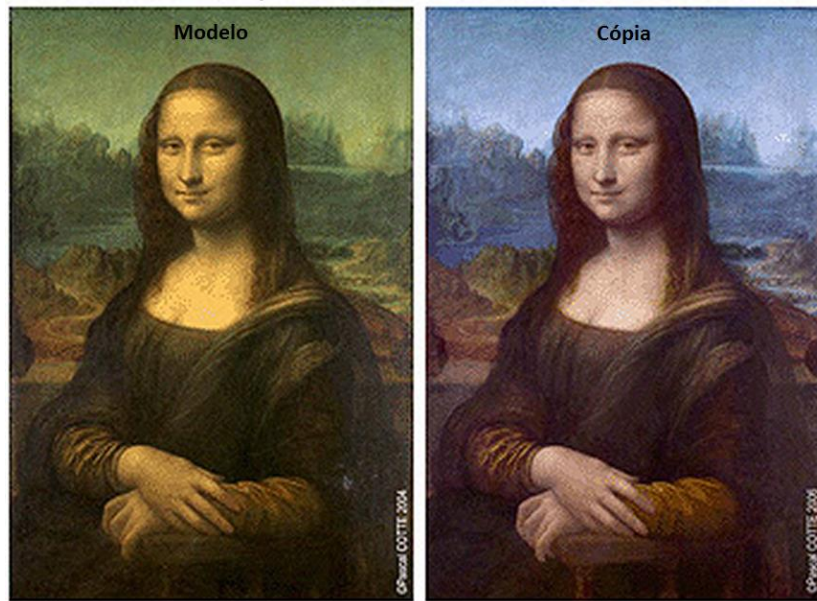
A resposta científica é a de que a natureza funciona de acordo com certas regularidades ou leis, derivadas de conjunções contantes observadas na Natureza e que, portanto, há uma conexão necessária entre os fenómenos, o que justifica a previsão da sua conjunção futura



David Hume pergunta de onde nos vem esta **ideia de causalidade** como conexão necessária?

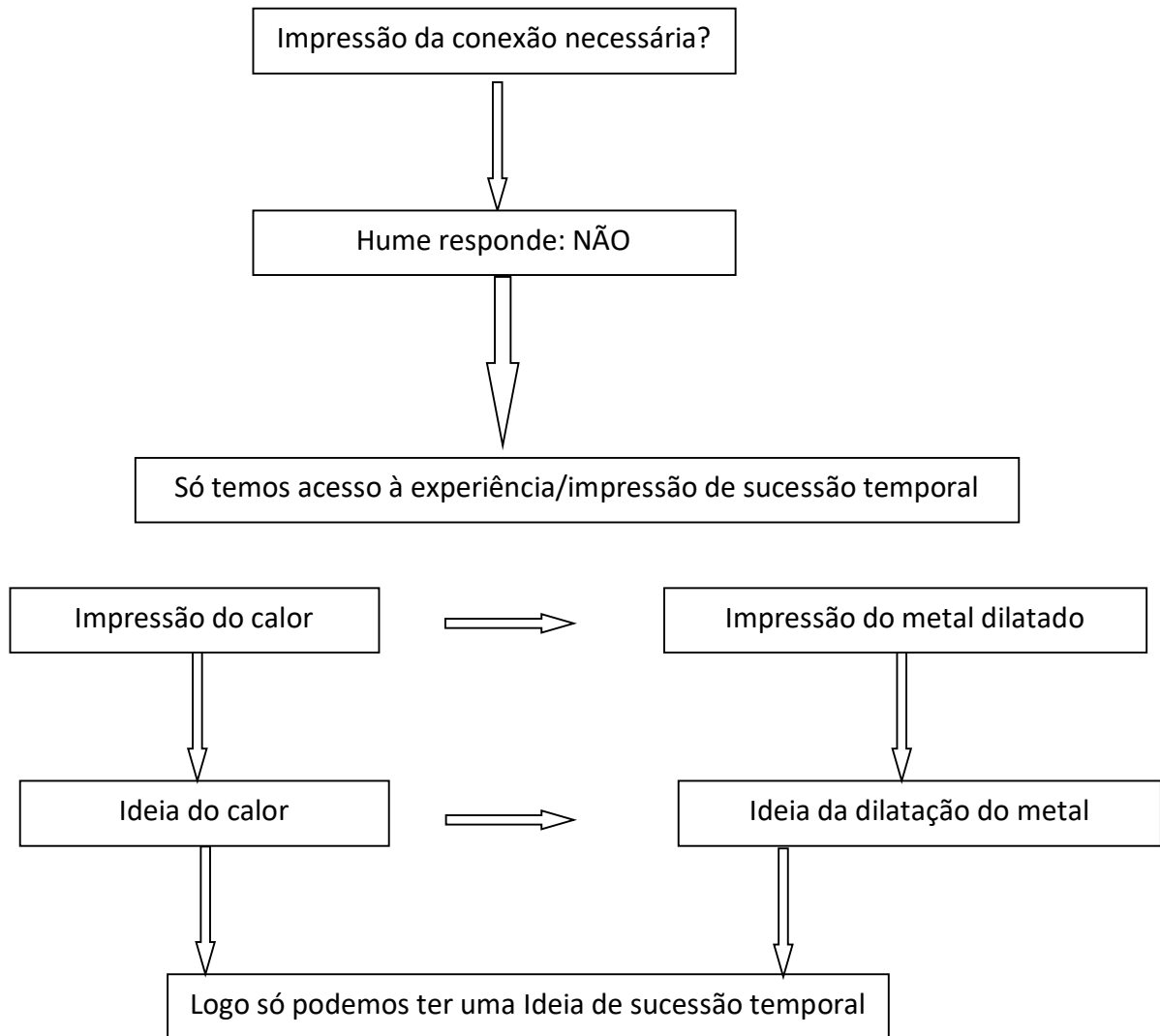


Usando o critério de verdade o facto das ideias serem cópias das impressões, só temos de procurar a impressão da ideia de conexão necessária entre eventos?



Quando observamos uma situação de relação causal entre fenómenos temos a impressão de conexão uma necessária?





Hume responde então que:

Não há nenhuma impressão que corresponda a esta ideia.

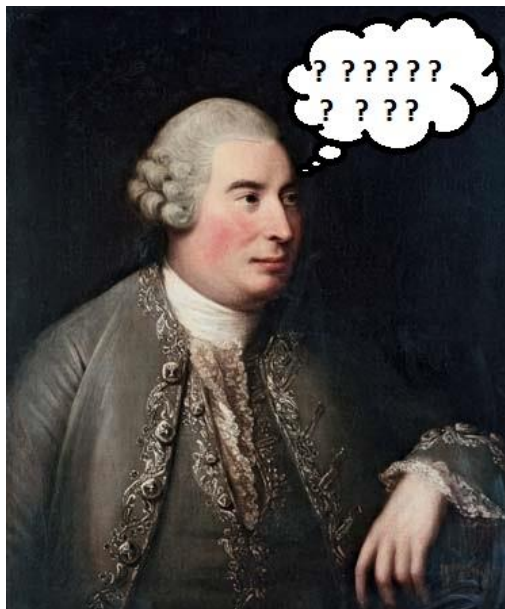
Através dos sentidos nunca percebemos nas coisas/eventos as causas que os produziram nem os efeitos que deles possam advir, só temos acesso

- **À sua sucessão temporal**
- **À sua contiguidade espacial.** [Qual é a causa da causa.mp4](#)

“Um evento sucede a outro, mas jamais podemos observar entre eles qualquer vínculo. Parecem **conjuntos**, mas nunca **conexos**. E visto que não podemos ter ideia de alguma coisa que nunca apareceu aos nossos sentidos externos ou ao sentimento interno, a conclusão necessária *parece* ser a de que não temos ideia alguma de conexão ou poder, e que estas palavras são absolutamente desprovidas de significado quando empregues nos raciocínios filosóficos ou na vida comum”

Logo, a ideia de “**causalidade**” como “**conexão necessária**” é falsa.

Mas de onde vem esta crença nas conexões causais?



Não é inata /a priori

Só pode vir da experiência/ a posteriori

Mas como?

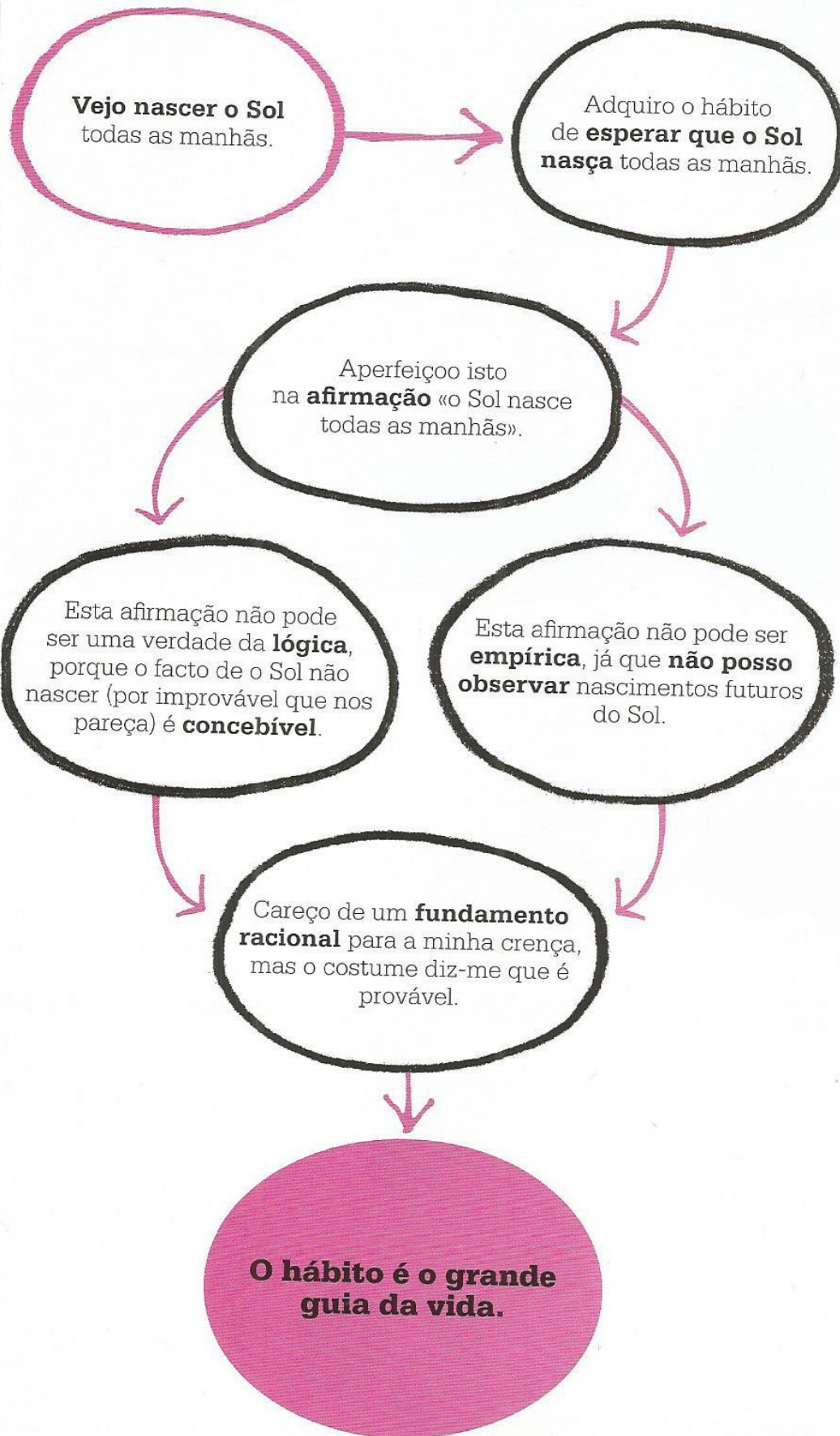
Como no passado sempre se observou uma conjunção constante entre certos fenómenos

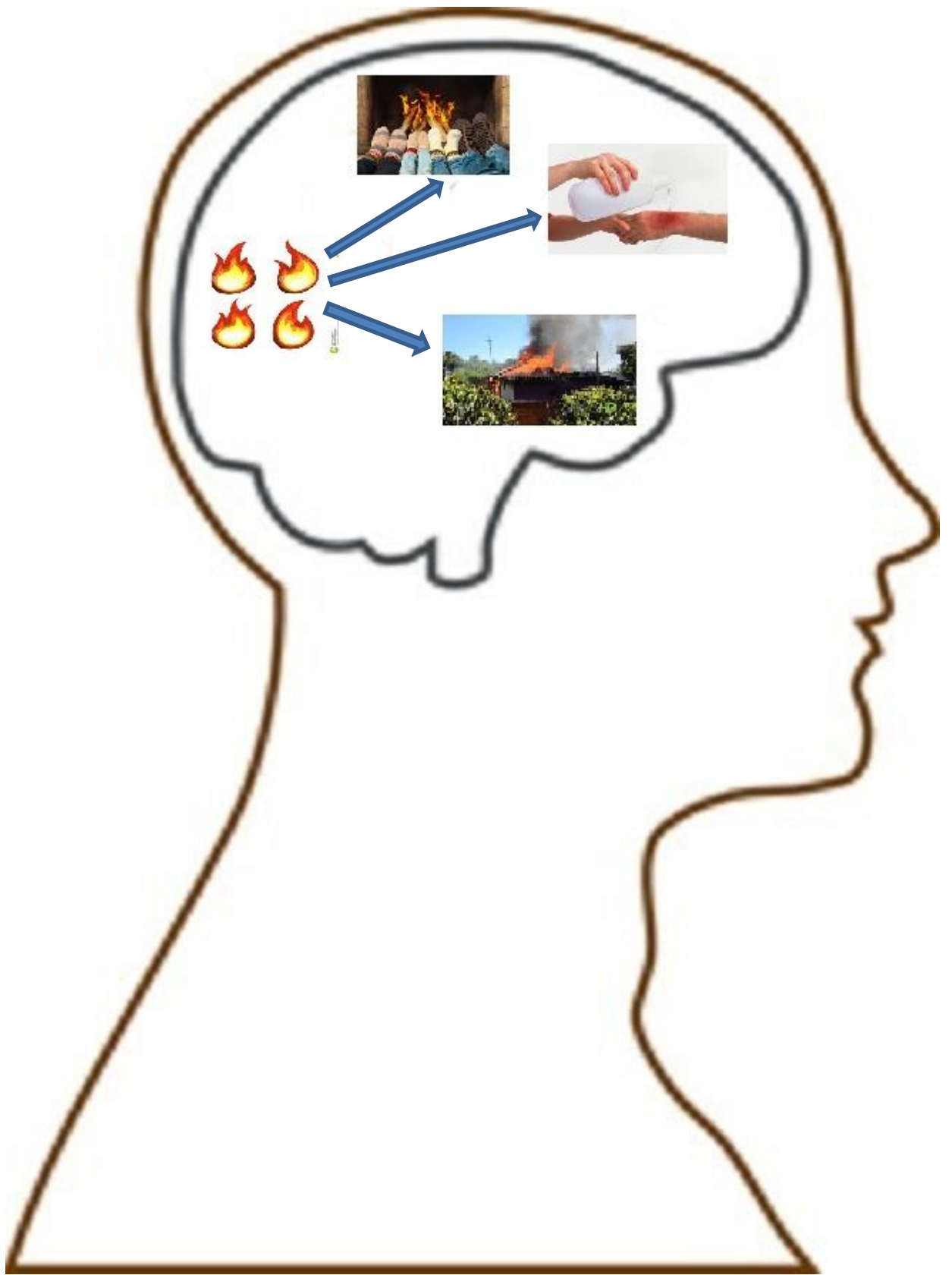
Gerou-se um Hábito

Que criou em nós uma expectativa

Assim quando temos a impressão A

Esperamos em seguida a impressão B





[O hábito.mp4](#)

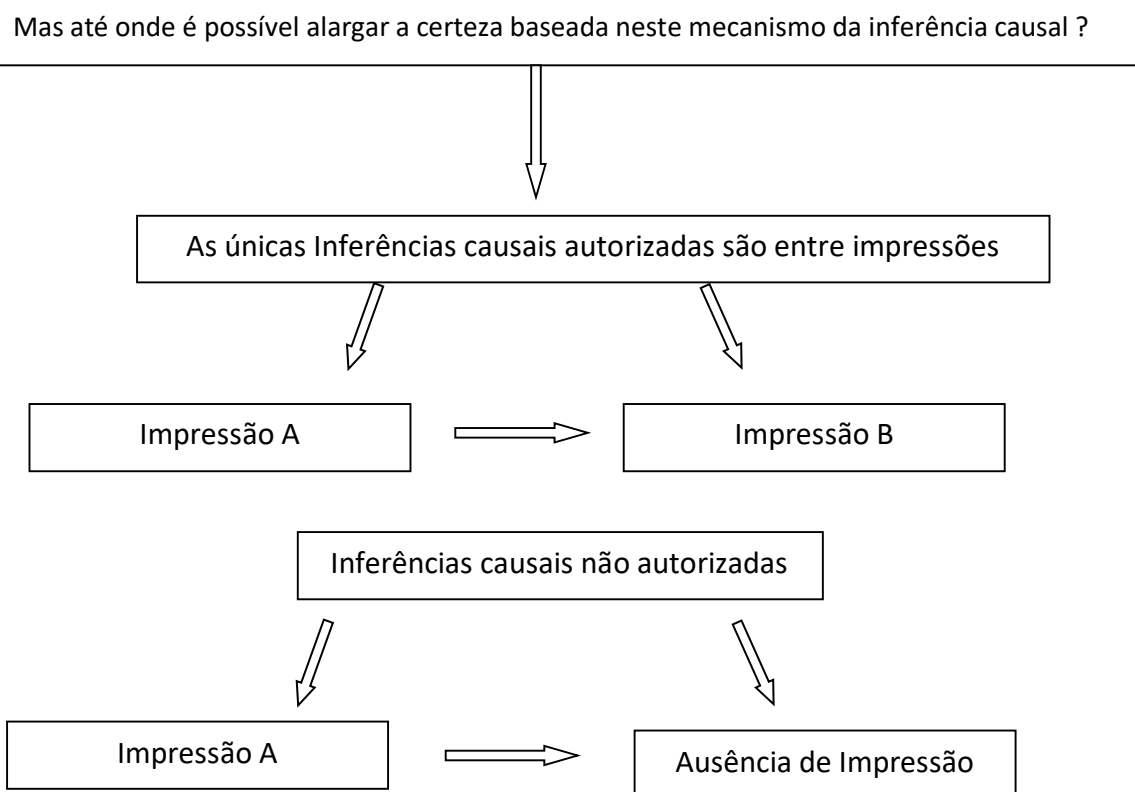
Para Hume, a nossa crença numa conexão necessária decorre do hábito. Não existe na realidade.

A causalidade que, supostamente, nos permite compreender tanto do que ocorre no mundo não passa de uma ilusão.

Tem uma base empírica, mas subjetiva (experiência interna da expectativa), e não objetiva (experiência externa)

Na prática, pensa Hume, isso não é grave pois tal crença, e a certeza a ela ligada, chegam e sobram para nos permitir viver

[O hábito.mp4](#)



Resposta: Só é aceitável fazer inferências causais entre impressões. Podemos passar de uma impressão a outra, mas não de uma impressão a coisa nenhuma

Se aplicarmos este princípio às verdades Cartesianas o que obtemos?

<p>O Eu Existe?</p>	<p>A existência de uma substância (coisa) pensante distinta das suas ideias e impressões foi considerada por Descartes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produto de uma intuição intelectual imediata clara e distinta. • Indubitável • Princípio racional que fundamentaria todo o conhecimento 	<p>Segundo David Hume a existência de um eu como sujeito permanente dos nossos atos psíquicos só se justifica se houvesse uma impressão que originasse a ideia de “Eu”. Essa impressão teria de ser permanente e invariável ao longo do curso da nossa vida. No entanto não há impressões constantes e invariáveis. As impressões sucedem-se uma às outras constantemente.</p>
<p>Deus Existe?</p>	<p>Descartes tinha usado a ideia de causa e o princípio da causalidade para fundamentar a afirmação de que um ser perfeito causara a ideia de perfeito. Logo, esse ser perfeito que é Deus existe.</p>	<p>Segundo Hume esta inferência é injustificada porque não vai de uma impressão a outra, mas das nossas impressões a Deus que não é objeto de impressão alguma</p>
<p>O Mundo Existe?</p>	<p>Descartes também estava convicto da verdade da crença de que havia um mundo físico exterior que seria a causa de algumas impressões/ideias</p>	<p>Segundo Hume esta inferência causal também é injustificada, porque também não vai de uma impressão para outra, mas das nossas impressões para uma suposta realidade extra mental da qual não temos experiência alguma</p>

<p>Críticas a David Hume</p>	
	<p>É um bocado redutor da nossa capacidade de pensar que as nossas ideias só possam ter origem empírica e que</p>

<p>Impressões como causa das ideias</p>	<p>sejamos incapazes de produzir ideias originais.</p> <p>António Sérgio perguntava de que impressão é derivada a ideia $\sqrt{-1}$</p>
<p>Ideias como cópias das impressões</p>	<p>É também duvidoso que a nossa recordação (ideia) de um impressão seja uma mera cópia, como quem revê um filme, sem qualquer intervenção da nossa parte. A diferença entre impressão e ideia será apenas de vivacidade? Não haverá reconstrução da nossa parte ?</p>
<p>Conexões causais</p>	<p>Hume conclui que a crença na realidade de conexões causais não tem justificação dado que apenas observamos conjunções constantes. Contudo há algo que anda precisa de ser explicado: as próprias conjunções constantes que observamos. Porque é que sempre que aquecemos o metal ele dilata ?</p> <p>Hume considera que não podemos justificar essa crença com base na ideia de conexão necessária, a menos que tenhamos uma prova irrefutável (uma impressão de conexão necessária)</p> <p>Contudo não podemos pensar que uma crença só está racionalmente justificada se tivermos uma prova irrefutável a seu favor. É perfeitamente racional ponderar, entre várias hipóteses de explicação, a que parece mais plausível (lembrar o exemplo dos fósseis marinhos encontrado no topo de uma montanha).</p> <p>E das várias respostas possíveis, a mais plausível para explicar o porquê das conjunções constantes parece ser a que as considera um efeito de uma conexão necessária entre os fenómenos. Justifica-se assim racionalmente a nossa crença na realidade das conexões causais</p>

--	--

Comparação entre Descartes e David Hume			
		Descartes	Hume
Fontes (origem) do conhecimento		Pensamento/razão/dedução [Racionalismo]	Experiência/sentidos/indução [Empirismo]
Tipos de conhecimento	a priori	<ul style="list-style-type: none"> Substancial (é a partir dele que se construirá todo o sistema do conhecimento do mundo) Primitivo (original e primeiro) 	<ul style="list-style-type: none"> Não substancial (não é acerca do mundo) Não original (derivado das impressões)
	a posteriori	<ul style="list-style-type: none"> Cientificamente pouco ou nada relevante Pragmático (uso do dia a dia) 	<ul style="list-style-type: none"> Substancial (acerca do mundo) Cientificamente relevante
Possibilidade do conhecimento		<ul style="list-style-type: none"> Confiança absoluta na nossa capacidade (racional) de conhecimento. Defesa de que todas as crenças básicas são racionais (justificáveis racionalmente): Eu, Deus, Mundo 	<ul style="list-style-type: none"> A nossa capacidade de conhecimento está limitada à experiência Nem todas as crenças básicas são racionais (justificadas pela experiência)

Valor do conhecimento	<ul style="list-style-type: none">Absolutamente certo e indubitável (quando obtido pelos métodos corretos)	<ul style="list-style-type: none">Certo e verdadeiro, desde não ultrapasse o que os sentidos nos permitem justificar